MERCADO DE TRABALHO

A RECUPERAÇÃO NÃO É LENTA, MAS DE QUALIDADE LIMITADA

FELIPPE SERIGATI
Doutor em Economia pela Escola de Economia de São Paulo (FGV-EESP), professor e pesquisador do Centro de Agronegócio da FGV (GV Agro) – felippe.serigati@fgv.br

ROBERTA POSSAMAI
Mestre em Economia Agrícola pela FGV-EESP e pesquisadora do GV Agro – roberta.possamai@gvmail.br

KELLEN SEVERO
Jornalista pós-graduada em Economia pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas na Universidade de São Paulo (Fipe/USP), apresentadora e editora-chefe do jornalístico Mercado&Cia, no Canal Rural – severokellen@gmail.com

APESAR DOS sinais inequívocos de retomada da economia brasileira (que deve ter crescido 1,0% em 2017 e está com projeção de crescer 2,7% em 2018), com frequência é dito que esta recuperação ainda não chegou claramente ao mercado de trabalho. Uma das evidências para essa percepção é a ainda elevada taxa de desemprego (12% em novembro). Todavia, na realidade, ao decompor os números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), percebe-se que essa recuperação está longe de ser lenta: entre abril e novembro de 2017, foram gerados mensalmente, em média, mais de 375 mil postos de trabalho – uma média que não foi observada nem em 2013, quando o mercado de trabalho passava por um bom momento. No entanto, esse aquecimento ainda tem se dado de forma desconfortável, concentrado em ocupações de menor qualidade, com especial destaque para (i) os empregos sem carteira assinada e, principalmente, para (ii) as ocupações por "conta própria". Enfim, a recuperação do mercado de trabalho brasileiro está longe de ser lenta, porém continua sendo de qualidade limitada.

FORTE GERAÇÃO DE POSTOS DE TRABALHO E CRESCIMENTO DA RENDA

Ao final de 2017, ficou claro que a retomada da economia brasileira é praticamente generalizada. No acumulado no ano, todos os grandes setores econômicos têm apresentado expansão: comércio varejista (1,9% a.a. até novembro); indústria (2,3% a.a. até novembro); e agronegócio (6,3% a.a. até setembro).

Naturalmente, esse crescimento tem aquecido a demanda por mão de obra. Desde março (o mês que registrou o "fundo do poço" no mercado de trabalho), a população ocupada na economia brasileira não parou de aumentar. De acordo com o IBGE, foram gerados, entre abril e novembro do ano passado, mais de 3 milhões de novos postos de trabalho; isso equivale a uma média de mais de 375 mil novas vagas de trabalho todos os meses. Embora seja possível argumentar que parte desse movimento seja explicada por questões sazonais, é importante destacar que é um ritmo de criação de postos de trabalho superior, por exemplo, do que aquele observado no mesmo período em 2013 (271 mil postos por mês), um ano que registrou um mercado de trabalho bem aquecido.

Esse forte ritmo de contratação tem pressionado para cima a renda obtida pela população ocupada. Entre abril e novembro de 2017, já descontada a inflação, a renda média obtida no mercado de trabalho cresceu 2,6% quando comparada com os valores pagos no mesmo período em 2016.

POR QUE AINDA HÁ UM DESCONTENTAMENTO COM A RECUPERAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO?

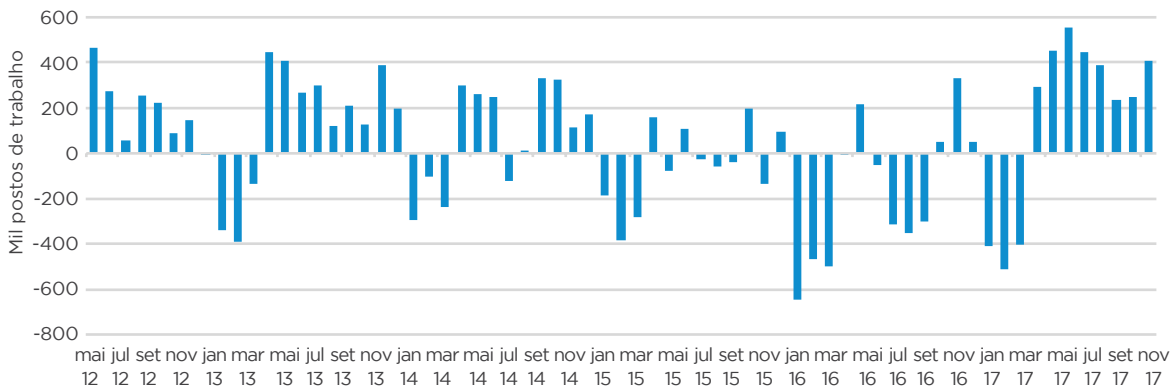
Se a economia brasileira tem conseguido gerar um número expressivo de postos de trabalho e a renda obtida com estas ocupações tem crescido desde dezembro de 2016, por que ainda há tanto desconforto com a recuperação do mercado de trabalho? Por diversos motivos, entre eles:

- A recuperação tem início sobre um mercado muito deteriorado: o choque da recessão de 2015-2016 sobre o mercado de trabalho foi muito duro. Por exemplo, entre março de 2015 e março de 2017 (para evitar problemas de sazonalidade), foram destruídos mais de 3 milhões de postos de trabalho. Como, no período, quase 3,2 milhões de novas pessoas entraram nesse mercado, o número de desocupados saltou de 7,9 milhões de pessoas (março de 2015) para terríveis 14,1 milhões (março de 2017) – isto é, 6,2 milhões de desempregados a mais.

- Em sua larga maioria, os postos de trabalho têm sido gerados em ocupações mais instáveis, como aquelas sem carteira assinada ou por "conta própria": entre março e novembro de 2017, foram gerados mensalmente, em média, pouco mais de 375 mil postos de trabalho na economia brasileira. Destes, em média, 123 mil eram ocupações sem carteira assinada e 116 mil, ocupações por "conta própria". Enquanto isso,

NÚMERO DE POSTOS DE TRABALHO GERADOS PELA ECONOMIA BRASILEIRA

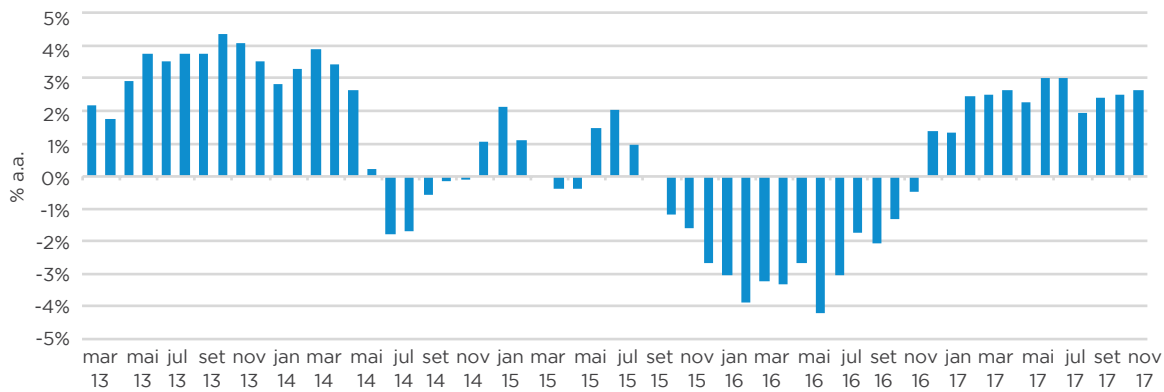
(MIL POSTOS DE TRABALHO)



Fonte: IBGE

EXPANSÃO DA RENDA MÉDIA REAL OBTIDA PELA POPULAÇÃO OCUPADA

(% AO ANO)



Fonte: IBGE

no mesmo período, em média, foram destruídos 23,5 mil postos de trabalho com carteira assinada por mês. Em poucas palavras, ainda não está claro se a recuperação do mercado de trabalho já chegou às ocupações de melhor qualidade, como aquelas com carteira assinada.

- A expansão da renda está concentrada justamente no setor formal do mercado de trabalho: embora a renda obtida pela população ocupada no mercado de trabalho tenha tido crescimento, em média, de 2,6% entre abril e novembro de 2017 (comparado com o mesmo período de 2016), esta expansão não foi generalizada e homogênea entre os diferentes tipos de ocupação. Enquanto, nas vagas com carteira assinada, a renda cresceu 2,5% a.a. no período; naquelas sem carteira assinada, cresceu apenas 0,3% a.a. e, entre os "conta própria", encolheu 0,6%. Ou seja, a renda está crescendo somente entre as ocupações formais, que são justamente o tipo de ocupação que ainda não voltou a crescer.

De forma sintética, após uma dura recessão sobre o mercado de trabalho, a economia brasileira tem conseguido criar um expressivo volume de postos de trabalho, porém principalmente em ocupações de qualidade inferior. Paralelamente a isso, enquanto a renda dos ocupados tem aumentado, esse crescimento é observado mais fortemente apenas nas ocupações com carteira assinada, justamente onde houve contração dos postos de trabalho. ■

MÉDIA MENSAL DO NÚMERO DE POSTOS DE TRABALHO GERADOS *VS.* VARIAÇÃO DA RENDA OBTIDA POR TIPO DE OCUPAÇÃO

(COMPARAÇÃO ENTRE OS MESES DE ABRIL A NOVEMBRO DE 2016 E 2017)

TIPO DE OCUPAÇÃO	Postos de trabalho gerados (mil pessoas)	Var. da renda obtida (% a.a.)
Com carteira assinada	-23,5	2,5
Sem carteira assinada	123,4	0,3
Conta própria	115,9	-0,6
Total na economia	**375,3**	**2,6**

Fonte: IBGE

SERÁ QUE A ECONOMIA BRASILEIRA ESTÁ SEGUINDO OS PASSOS DO MERCADO DE TRABALHO NAS ATIVIDADES AGROPECUÁRIAS?

No mínimo desde 2012, enquanto, por um lado, as atividades agropecuárias têm absorvido uma fração cada vez menor da força de trabalho da economia brasileira; por outro lado, os valores pagos para a mão de obra que permaneceu no setor têm crescido bem acima da média nacional. Por trás dessa dinâmica, há a incorporação no campo de tecnologias poupadoras de mão de obra que têm aumentado a produtividade das atividades agropecuárias. Como o setor tem ficado mais produtivo, tem gerado mais renda. Esta renda aquece o setor de serviços das regiões onde o agronegócio é a atividade econômica mais importante. Por sua vez, o setor de serviços aquecido demanda cada vez mais mão de obra e absorve aqueles trabalhadores que deixaram de atuar diretamente nas atividades agropecuárias.

Parece haver um fenômeno semelhante na recuperação do mercado de trabalho da economia brasileira: de um lado, tem-se uma redução dos postos de trabalho de melhor qualidade, porém aqueles que conseguiram permanecer nessa parte do mercado têm recebido mais; de outro lado, a mão de obra que tinha ficado desempregada tem sido absorvida em outras modalidades de ocupação – infelizmente, de qualidade inferior.

Enquanto essa dinâmica foi favorável para as atividades agropecuárias – por exemplo, porque consegue reduzir a informalidade no setor –, infelizmente, não parece ser o caso para a economia brasileira. Vamos torcer para que as ocupações com carteira assinada voltem a crescer o quanto antes agora em 2018.